



Shutterstock

O fotojornalismo tem sido um dos mercados mais afetados pelas mudanças tecnológicas nos meios de comunicação

# COACHING PODE MUDAR OS rumos profissionais

Confira a história de Adi Leite e Toni Pires, dois renomados fotojornalistas, que acabaram se envolvendo com esse processo para ter uma nova perspectiva

POR SÉRGIO BRANCO

O termo *coaching* ainda provoca desconfiança, preconceito e muitos o associam a certa “picaretagem”. Dois profissionais renomados, que trabalharam no jornal *Folha de S. Paulo* como repórteres fotográficos e também como editores de fotografia, viam o *coaching* dessa forma. Mas a busca por uma mudan-

ça na carreira os levou ao encontro do processo, que se baseia na conquista de objetivos pelo autoconhecimento: Adi Leite, 56 anos, se tornou *coach* (o profissional que aplica a metodologia do *coaching*), e Toni Pires, 53, um *coachee* (o cliente desse profissional). “Confesso que tinha o maior preconceito. Mas quando vi que o Adi, um cara que

conheço há anos e em quem confio, havia se tornado *coach*, resolvi experimentar. E não me arrependi. Pra mim funcionou”, declara Toni.

Adi Leite virou *coach* por cetismo. Também em busca de uma luz para o que poderia fazer fora da fotografia, recebeu a indicação de procurar um *coach*. “Não levava muita fé. Pesquisei e achei ca-

### O processo de *coaching* pode ajudar fotógrafos a enxergar novos horizontes para a profissão

ro o que queriam me cobrar. Pensei: 'em vez de pagar alguém, vou fazer o curso de *coaching*. Aí descubro se funciona'. Essa decisão mudou a minha vida", diz Adi. Ele se matriculou na Sociedade Brasileira de Coaching e saiu de lá, no início de 2015, com formação em Coaching Profissional e Pessoal. Depois, fez mais dois cursos: Coaching de Carreira e Coaching Executivo e de Negócios. Planeja ainda fazer os de Mentoring Coaching e Master in Coaching. "Sempre gostei de estudar, e toda a bagagem de conhecimento que adquiri ao longo da vida eu utilizo no meu trabalho de *coach*", explica Adi.

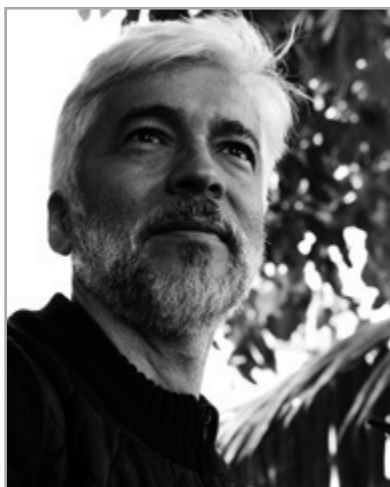
Graduado em Jornalismo, ele tem uma trajetória de 30 anos como fotógrafo profissional, foi um dos criadores do primeiro portal de fotografia na internet brasileira (o Fotosite) e deu aulas de Fotografia, Fotojornalismo e Linguagem Fotográfica nas universidades Anhembi-Morumbi e Metodista. Estudou também Arte Contemporânea e Design. Pelo lado holístico, envolveu-se a fundo com o budismo e tem formação em terapias florais, chi kung, reiki e medicina tradicional chinesa. Ao terminar o curso de *coaching*, percebeu que poderia usar tudo isso para construir uma metodologia, que define como "abordagem integral".

Nela entram os cinco elementos da medicina chinesa (água, madeira, fogo, terra e metal) e seus conhecimentos terapêuticos. "Preparo o *coachee* fisicamente para que possa fazer o processo. Nas primeiras sessões, por exemplo, ele aprende a respirar e a controlar a respiração para lidar com momentos de estresse. Depois, passa ainda por um treinamento que ajuda a regular fisiologicamente o organismo", explica.

Segundo Adi, são ações queaju-



Shutterstock



Autorretrato



**Adi Leite (à esq.) estudou para se tornar *coach* e um dos seus clientes foi Toni Pires (à dir.), que via o processo com muita desconfiança e acabou surpreendido**

dam o *coachee* a tomar decisões com mais clareza, pois ele fica fortalecido em termos fisiológicos, diz Adi. E tudo corre paralelamente à aplicação de ferramentas específicas de *coaching*. "O que faço não é terapia, que fique claro. É uma busca do *coachee* pelo autoconhecimento, com análises de forças e fraquezas. Em geral, são cinco etapas a cumprir: pré-contemplação, contemplação, planejamento (ou preparação), ação e manutenção. Tudo para que o indivíduo consiga

enxergar novos caminhos profissionais e colocar em prática as mudanças necessárias para atingir o objetivo", resume Adi Leite.

## REINVENÇÃO

Há quase quatro anos atuando como *coach*, Adi informa ter trabalhado com cerca de 180 pessoas, a maioria da área criativa (jornalistas, fotógrafos e publicitários), e alega que as mulheres são mais abertas, ligadas e focadas enquanto os homens são mais céticos, gostam